

## D. Fr. Luís de Santa Teresa (O.C.D.): um jacobeu “confessa-se”. A desconhecida *Vida de huma illustre virgem*, do bispo de Olinda - Pernambuco (1738-1754)\*

Maria Helena Cunha de Freitas Queirós

Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto  
(CIUHE) e Centro de Investigação Transdisciplinar  
Cultura, Espaço e Memória (CITCEM)  
helenaqueiros.mail@gmail.com

Texto entregue em/Text submitted on: 01/04/2009

### *Resumo/Abstract:*

O presente artigo visa noticiar a descoberta de um manuscrito – a *Vida de huma illustre virgem* – da autoria de D. Fr. Luís de Santa Teresa (O.C.D.), bispo de Olinda (Pernambuco), entre 1738 e 1754, um mitrado assaz esquecido pela historiografia da Época Moderna. Facto bastante, por si só, este documento vem ainda colmatar uma lacuna num período da vida do carmelita – *grosso modo* os anos que medeiam 1730 e 1735 –, cujo rasto não era, até ao momento, possível seguir. Afloram-se alguns dos pontos mais soantes desse período passado em Braga, filtrados pelo próprio autor. Apontam-se aspectos da vivência monacal no convento de monjas beneditinas de S. Salvador, pesando a matriz jacobea do biógrafo, num contexto de sede vacante e de resistência aos caminhos afectivos da união com Deus, por assimilação molinosista.

The present paper announces the discovery of a manuscript – *Vida de huma illustre virgem* (The life of an illustrious virgin) – by Luís de Santa Teresa (O.C.D.) forgotten by historiography. Furthermore, this document bridges a gap in the life of the Carmelite monk – from around 1730 to 1735 –, a lost track which has now been found. The author raises some of the most relevant issues relating to this period of the friar’s life in Braga, as filtered by the author. The paper highlights certain features of monastic life in the convent of Benedictine nuns of S. Salvador, notwithstanding the Jacobean profile of the biographer, in a context of vacant see and resistance to the affectionate paths of the union with God, inspired in Molinos’s doctrine.

### *Palavras chave/Key words:*

D. Fr. Luís de Santa Teresa; Biografia devota; Convento do Salvador (Braga); Jacobeia; Molinosismo.

Friar Luís de Santa Teresa; Devout biography; Convent of the Saviour (Braga); *Jacobeia*; Molinos’s doctrine.

---

\* O artigo que agora publicamos é fruto do trabalho de investigação levado a cabo no âmbito da dissertação de Mestrado em Culturas Ibéricas, por nós apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2008. Tem por núcleo a *Vida de huma illustre virgem*, manuscrito 710 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, da autoria do carmelita descalço D. Fr. Luís de Santa Teresa, bispo de Olinda, ver QUEIRÓS, Maria Helena Cunha de Freitas - *D. Fr. Luís de Santa Teresa (O.C.D.), director espiritual e biógrafo. A inacabada Vida de Josefa Maria da Trindade (O.S.B.)*. Porto: [s.n.], 2008, 2 tomos.

## Introdução. Um manuscrito inédito

O nome de D. Fr. Luís de Santa Teresa, carmelita descalço e bispo de Olinda (Pernambuco), entre 1738 e 1754, tem permanecido na sombra da historiografia portuguesa da Época Moderna<sup>1</sup>. Ao arripio deste *statu quo*, estudos recentes vieram dar um contributo fundamental para o conhecimento desta figura, em conexão com os contextos da espiritualidade portuguesa<sup>2</sup>, *verbi gratia* filiando-o nos círculos de gravitação jacobeaica<sup>3</sup>.

Contudo, a todas estas fontes um denominador comum: nenhuma se refere a Fr. Luís como autor de *Vida de huma illustre virgem* ou como autor de biografias devotas *latu sensu*<sup>4</sup>. A descoberta do manuscrito 710 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, volume *in quarto*, encadernado em pele, com 270 páginas, abre um novo campo de conhecimento sobre a vida deste antístite. A obra vem precedida de uma página escrita e assinada por um certo Fr. Francisco do Rosário, que assegura a autoria e o carácter

<sup>1</sup> Alguma informação pode colher-se em SILVA, Innocência Francisco da - *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860, tomo V, p. 331; ALMEIDA, Fortunato de - *História da Igreja em Portugal*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1967-1970, volume II, p. 713; GAYO, Felgueiras - *Nobiliário de famílias de Portugal*. Braga: Carvalhos de Basto, 1992, volume IX, p. 259; ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e - *Memórias históricas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948, 8º volume, tomo I, p. 122-123.

<sup>2</sup> Referimo-nos a PAIVA, José Pedro - *Os bispos de Portugal e do Império (1495-1777)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006 e PAIVA, José Pedro - *Reforma religiosa, conflito, mudança política e cisão: o governo da diocese de Olinda (Pernambuco) por D. Frei Luís de Santa Teresa (1738-1754)* in MONTEIRO, Rodrigo Bentes e VAINFAS, Ronaldo (coord.) - *Império de várias faces. Relações de poder no mundo ibérico da Época Moderna*. São Paulo: Editora Alameda, [2009]. Ver também SALGADO, José Bênard Guedes - D. Frei Luís de Santa Teresa - D. Frei João da Cruz. Irmãos no sangue, na ordem e no múnus episcopal, diferenciados na heráldica. *Armas e Troféus - Revista de História, Heráldica, Genealogia e Arte*. IX Série, (Janeiro/Dezembro 2004) 28.

<sup>3</sup> Entendemos a jacobeaica enquanto conjunto de “movimentos reformistas afins que, a partir de 1723, sob o patrocínio e direcção do franciscano de Varatojo Fr. Gaspar da Encarnação, visavam instaurar a disciplina, morigerar os costumes, afervorar a piedade, refazer, enfim, a vida religiosa e moral do reino”, ver SILVA, António Pereira da - *A questão do sigilismo em Portugal no século XVIII. História, religião e política nos reinados de D. João V e D. José I*. Braga: Tipografia Editorial Franciscana, 1964, p. 122-123.

<sup>4</sup> Sobre o conceito de biografia devota ver FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Entre a família e a religião: a “Vida” de João Cardim (1585-1615)*. *Lusitania Sacra*. 2ª série, V (1993) 93-120.

autógrafo do relato. Nessa página, datada de 15 de Abril de 1763, que, pelo exposto, designámos “certificado de autoria”, pode ler-se:

“elle [D. Fr. Luís de Santa Teresa] me deo a guardar os cadernos apessos em que tinha escrito parte da vida da illustre virgem e serva de Deos, D. Josefa Maria da Trindade, religiosa no Salvador de Braga [...]. Nada falta do que estava escrito e tudo o que vai he da letra do dito Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo, o qual juro *in Verbo Sacerdotis*.”<sup>5</sup>

Acrescentaremos: nenhuma das fontes se refere à passagem de Luís de Santa Teresa por Braga<sup>6</sup>; desconhecia-se que tivesse escrito a biografia da beneditina D. Josefa Maria da Trindade.

Merecedor de poucas linhas – e algumas delas revelando incertezas – da História Eclesiástica, o presente artigo propõe-se apresentar Fr. Luís de Santa Teresa como autor e personagem desse texto que relata a sua passagem por Braga, e que permaneceu, até à descoberta desta obra, verdadeiro ponto obscuro da existência deste prelado.

### **Braga entre 1730-1735. “Confissões” de um jacobeu<sup>7</sup>**

Como era o S. Salvador de Braga quando o carmelita chegou à Primaz das Hespanhas? Com a morte de D. Rodrigo de Moura Teles, em 1728, seguiu-se um período de Sé Vaga (1728-1741). Segundo o biógrafo:

<sup>5</sup> *Virtudes e prodigios que o Senhor obrou na serva de Deos Josefa Maria da Trindade, religiosa no Salvador de Braga*, p. 2. Citamos o texto tendo por base a nossa edição, a partir de agora designada por *VPJMT*. Sobre os critérios que lhe presidiram ver QUEIRÓS, Maria Helena Cunha de Freitas - *D. Fr. Luís de Santa Teresa (O.C.D.)...*, *cit.*, tomo II.

<sup>6</sup> Sobre os argumentos aduzidos para a fidedignidade do “certificado de autoria” e sua importância na decifração de certas incógnitas textuais e de autoria, ver QUEIRÓS, Maria Helena Cunha de Freitas - *D. Fr. Luís de Santa Teresa (O.C.D.)...*, *cit.*, tomo I, p. 12-13 e 16.

<sup>7</sup> Estabelecemos como datas absolutamente seguras da permanência de Luís de Santa Teresa em Braga os anos entre 1730 e 1735. Cremos que a escrita da Vida terá começado em data posterior a 16 de Março de 1734. Para seguir os nossos raciocínios, cf. QUEIRÓS, Maria Helena Cunha de Freitas - *D. Fr. Luís de Santa Teresa (O.C.D.)...*, *cit.*, tomo I, p. 18-21 e p. 24-27 e, sobre a estratégia de anonimato-ocultação usada pelo carmelita, p. 115-116.

“aquele convento tinha grande necessidade de doutrina porque, ainda que nelle avia algumas religiosas que vivião santamente, muntas erão raparigas, não tinham perlado porque a occazião era de Se vacante e avião mudado de trajes, deichando os toucados antigos por huns novos que emventarão (que mais parecião emfeites de seculares que toucados de relegiozas); traziam ouro, rendas, polvilhos e tudo isto se avia emtrudozido depois da morte do Arcebispo e – o que pior he – avia muntas [diverçoes?] e trato com pessoas de fora, o que tudo munto choravam as religiosas de mais zelo e virtude.”<sup>8</sup>

Excerto eloquente da opinião do autor a respeito do governo capitular<sup>9</sup>. Moura Teles, “zeloso reformador do clero e da vida dos fiéis”<sup>10</sup>, movia-se por uma pauta de exigência em tudo afim à jacobea. Note-se, aliás, que é a D. Rodrigo de Moura Teles que, em 1717, Fr. Francisco da Anunciação, figura de proa do movimento, dedica a sua *Consulta mystico-moral*<sup>11</sup>.

Mas outros dados importa trazer à colação. D. Rodrigo de Moura Teles era filho dos 2<sup>os</sup> condes de Vale de Reis, D. Nuno de Mendonça e D. Luísa de Castro e Moura. Ora, D. Lourenço de Mendonça e Moura, irmão mais velho do Arcebispo, conselheiro de Estado de D. Pedro II e 3<sup>o</sup> conde de Vale de Reis, foi o padrinho de baptismo de Fr. Luís de Santa Teresa; D. Maria Leonor de Moscoso, irmã de frei Gaspar da Encarnação, a madrinha<sup>12</sup>.

<sup>8</sup> VPJMT - p. 80.

<sup>9</sup> Sobre as vicissitudes do período da sé vaga ver THADIM, Manuel José da Silva - *Diario Bracarense*. Tomo I, p. 99-101; FREITAS, Bernardino de Senna - *Memorias de Braga*. Braga: Imprensa Catholica, 1890, tomo I, p. 310-311; FERREIRA, José Augusto - *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (século III-século XX)*. Braga: Mitra Bracarense, 1932, tomo III, p. 273-276.

<sup>10</sup> MONCADA, L. Cabral de - *Mística e racionalismo em Portugal no século XVIII. Uma página de história religiosa e política*. Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1952, p. 42.

<sup>11</sup> ANUNCIACÃO, Fr. Francisco da - *Consulta mystico-moral sobre o habito de certas religiosas da Ordem de S. Clara Urbanas [...], oferecida a D. Rodrigo de Moura Tellez Arcebispo Primaz*. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1717.

<sup>12</sup> Agradecemos ao Prof. Doutor José Pedro Paiva a partilha destes dados, colhidos no Archivio Segreto Vaticano (ASV) - Archivio Consistoriale, Processus Consistoriales, vol. 124, fl. 620v, ver PAIVA, José Pedro - *Os bispos..., cit.*, p. 512. Em rodapé, sugere o autor: “Para o parentesco de Leonor de Moscoso e Gaspar de Moscoso ver [http://genealogia.netopia.pt/pessoas/pes\\_show.php?id=4225](http://genealogia.netopia.pt/pessoas/pes_show.php?id=4225), consulta em 20/3/2006.” Um outro investigador, remetendo-nos para IANTT - Reg. Par., Lisboa, Sé, B.-7, fl.9, indica estas mesmas informações,

Talvez possamos por aqui lançar alguma luz sobre as razões da ida do carmelita para Braga. Entre D. Rodrigo de Moura Teles e Fr. Luís de Santa Teresa, à identificação tipicamente jacobea pelo rigorismo e austeridade, vem somar-se a conexão entre as duas famílias. Quiçá Moura Teles se quisesse rodear de figuras do seu círculo de confiança – entre as quais Fr. Luís –, com o intuito de criar em Braga um núcleo de morigeração de costumes e acrisolamento da devoção<sup>13</sup>.

Várias passagens referenciam o período da sede vacante do arcebispado como relaxado. Transcrevemos mais uma:

“Era a pessoa [huma dignidade do Cabido] a quem se deo esta denuncia pessoa destrahida que folgava mais de ver as religiozas bem toucadas que mais honestas; era pouco afeiçoado ao relegiozo porque dezião que, em os sermoes, falava munto ‘claro’, couza bem aborrecida em o mundo, principalmente de quem governa e governa como Deos não quer.”<sup>14</sup>

As apreciações de Fr. Luís quanto ao relaxamento do Salvador ou do governo capitular compaginam-se com a sua matriz jacobea. Passos como este deverão ler-se no âmbito de uma dicotomia tradicional entre espirituais e mundanos, que percorre, *grosso modo*, a literatura de espiritualidade, mas é especialmente candente nas obras de carimbo jacobeu. Segundo uma certa concepção jacobea do Mundo, os homens dividem-se em dois grandes grupos: tíbios, imperfeitos, carnis, mundanos e relaxados *vs.* virtuosos, pios, devotos, espirituais, perfeitos e beatos<sup>15</sup>. Tudo isto são termos que aparecem na *Vida*. “Carnis” e “mundanos” eram, por exemplo,

---

a que acrescenta o nome do cura que o baptizou: Francisco Rodrigues, ver SALGADO, José Bénard Guedes - D. Frei Luís de Santa Teresa..., *cit.*, p. 33.

<sup>13</sup> De notar, aliás, que veio com o seu irmão também carmelita Fr. João da Cruz, personagem presente na *Vida*, nomeado prior do Colégio do Carmo de Braga, a 7 de Maio de 1730, e que viria a ser provido na Mitra do Rio de Janeiro, a 11 de Fevereiro de 1739. Sobre esta figura e a sua matriz jacobea, ver QUEIRÓS, Maria Helena Cunha de Freitas - *D. Fr. Luís de Santa Teresa (O.C.D.)...*, *cit.*, tomo I, p. 58-64.

<sup>14</sup> *VPJMT* - p. 82-83. Ou ainda: “Era pois esta religioza irram da serva de Deos destrahida e dada aos divertimentos de correspondencias que se uzão em os conventos relaxados porque este, por este tempo, não o estava pouco”, ver *VPJMT* - p. 124.

<sup>15</sup> SILVA, António Pereira da - *A questão...*, *cit.*, p. 123.

os sujeitos de correspondências ilícitas<sup>16</sup>, os que confundiam os “asaltos do Demonio por accidentes uterinos”<sup>17</sup> ou ainda criadas que alimentavam correspondências<sup>18</sup>.

Ressente-se igualmente desta cosmovisão jacobea um desabafo como “Creyo que a de ser confuzão em o Dia do Juizo de muntos tibios que, apenas sentimos qualquer molestia, negarnos aos santos e piedozos exercicios e as obrigações do nosso estado he logo a primeyra diligencia”. Não são de admirar, portanto, os desenganos do jacobeu: “Bem pode[m] escarmentar em esta miseravel as que de novo entram em os conventos e verem a que companhias se chegam e com quem tratão, que daqui se lhes pode ocasionar o mayor bem ou originarselhe[s] a mayor ruina pois estamos em tão calamitosos tempos que he nesecario, para viver em a Caza de Deos, mayor cautela que para habitar em o mesmo mundo!”<sup>19</sup>. Bem à guisa de um Fr. Francisco da Anunciação: “[...] que o Religiozo, e Religioza se afaste na sua Commuidade, quanto puder em consciencia, e sem encontrar os Institutos monásticos, das Amizades, Companhias, Conversações, e trato das pessoas não só maas, mas túbias.”<sup>20</sup>

Referindo-se às religiosas do Convento, Fr. Luís divide-as claramente em duas facções, dois “ranchos”<sup>21</sup>: “ainda que nelle avia algumas religiosas que vivião santamente, muntas erão raparigas, não tinham perlado porque a occazião era de Se vacante e avião mudado de trajas”; “avia em elle huma grande parte de relegiozas boas e observantes que não mudarão o habito com que professarão porem, [...] em professando alguma noviça, logo a fazião por em aquela forma que, aumentandosse o numero das que andavão assim, extinguiase totalmente a modestia do modo de trajar das demais”<sup>22</sup>.

As que integravam o grupo dos ‘beatos’ deveriam dedicar-se a um sem-número de práticas espirituais. Exactamente por isso, D. Josefa é acusa-

<sup>16</sup> Sobre o combate jacobeu ao freiratismo, ver SOUZA, Evergton Sales - *Jansenisme et Réforme de l'Église dans l'Empire Portugais: 1640 à 1790*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 191 e 192.

<sup>17</sup> VPJMT - p. 14.

<sup>18</sup> VPJMT - p. 22.

<sup>19</sup> VPJMT - p. 148.

<sup>20</sup> ANUNCIACÃO, Fr. Francisco da - *Consulta mystico-moral...*, cit., p. 128.

<sup>21</sup> VPJMT - p. 22.

<sup>22</sup> VPJMT - p. 80-81.

da de “beatice”<sup>23</sup>, um dos nomes em voga para exercícios da vida devota<sup>24</sup>, ou de “hipocrita”<sup>25</sup>, típica acusação dada aos adeptos de uma espiritualidade jacobea. A *Vida de huma illustre virgem* apresenta todo um repositório de práticas ilustrativas da matriz jacobea e magistério exigente de Fr. Luís de Santa Teresa. Desde logo, no momento em que director e dirigida travam conhecimento, no grande predomínio explicativo da doutrina das possessões diabólicas, aliado à prática de exorcismos como forma de libertar uma criatura das vexações do demónio, de acordo com as manifestas aptidões de Fr. Luís nesta matéria<sup>26</sup>.

O varatojano Fr. Afonso dos Prazeres, conhecido jacobeu<sup>27</sup>, “como remédios contra as vexações indica os exorcismos, a imposição de “preceitos” ao demónio, o sinal da cruz, a oração, a comunhão frequente, as contas de consciência e submissão ao padre espiritual, a constância de ânimo nas vexações prolongadas.”<sup>28</sup> Estas práticas espirituais, levadas a cabo por D. Josefa, enquanto se encontra sob a direcção de consciência do carmelita, estão muito presentes na *Vida*<sup>29</sup>. Quanto às contas de consciência, o ministério

<sup>23</sup> *VPJMT* - p. 55 e 54.

<sup>24</sup> ANUNCIAÇÃO, Fr. Francisco da - *Vindicias da virtude, e escarmento de virtuosos, nos publicos castigos dos hypocritas, dados pelo Tribunal do Santo Officio*. Lisboa Oriental: Officina Ferreyriana, 1725, tomo II, p. 459. No “sexto dictame” de uma outra obra, diz o autor: “Hum bom meio para mortificar a vaãgloria he fazer obras publicas de virtude, que o mundo chama publicas Beatarias.” De resto, todo o título décimo é dedicado a esta questão, ver ANUNCIAÇÃO, Fr. Francisco da - *Consulta místico-moral...*, cit., p. 68.

<sup>25</sup> “hypocrita e santarrona” (*VPJMT* - p. 102), “hypocrita e beata do Inferno” (*VPJMT*, p. 103). Para outras acusações de hipocrisia, ver *VPJMT* - p. 23, 103 e 145. Sobre a consideração dos jacobeus como hipócritas e beatos, ver SOUZA, Evergton Sales - *Jansénisme...*, cit., p. 191.

<sup>26</sup> *VPJMT* - p. 66.

<sup>27</sup> Sobre esta figura, ver SILVA, António Pereira da - *A questão...*, cit., p. 104-105. Sobre as suas ligações à jacobea, nomeadamente por proximidade a Fr. Francisco da Anunciação, ver TAVARES, Pedro Vilas Boas - Papel dos jesuítas no anti-quietismo em Portugal in *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVII e XVIII: espiritualidade e cultura. Actas do Colóquio Internacional – Maio 2004*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, 2005, vol. II, p. 499.

<sup>28</sup> SILVA, António Pereira da - *A questão...*, cit., p. 142.

<sup>29</sup> Entre exorcismos e imposição de preceitos ao demónio ou esconjuros, contamos onze páginas com essas referências, ver *VPJMT* - p. 66-67, 70-74, 99, 101, 110 e 126; relativo à comunhão o número de páginas ainda é mais numeroso, ver *VPJMT* - p. 85-86, 89, 97, 100, 120, 125, 128, 146-147 e 152, de entre as quais por cinco vezes se menciona inequivocamente a comunhão diária, ver *VPJMT* - p. 86, 100, 120, 125 e 128. A prestação

de Fr. Luís afinaria, quiçá, pelo de um Fr. Manuel Velho, autor de tratados ascéticos que espelham a espiritualidade jacobea<sup>30</sup>. Defende o dominicano que se dê

“inteira conta de toda a vossa consciência com uma confissão geral, se assim lhe parecer, e de toda a vossa alma [...]; de tudo quanto conhecerdes em vós e há passado por vós [...], fazendo quanto puderdes para que sejais no conhecimento do director o mesmo que no de Deus”<sup>31</sup>.

D. Josefa fez uma confissão geral, em que deu “conta de todo o sossedido em toda a sua vida”<sup>32</sup>. Parece ser a mesma linha de exigência e mais penetrante talvez que a de Fr. Afonso dos Prazeres, que exortava a que se dissesse somente “o preciso”<sup>33</sup>.

Em estreita correlação com o anterior, o dever de obediência, por vezes apresentado sob a forma de pedidos de licença ao confessor, assume a maior relevância na obra<sup>34</sup>. A presença ‘asfixiante’ do dever de obediência na *Vida*, catalizado em episódios-chave revestidos de simbolismo, é o reflexo natural do ministério vigilante de um autor que, enquanto jacobeu, teria como segunda máxima: “Ter uma total sujeição e obediência cega ao director”<sup>35</sup>. Atente-se, por exemplo, no juramento que D. Josefa Maria da Trindade presta ao fazer o propósito seráfico:

“Eu, Jozefa da Trindade, [...] *fasso diante de Sua Divina Magestade e do meo padre espiritual, que esta em Seo lugar, firme propozito e*

---

de contas de consciência está ainda melhor documentada, ver *VPJMT* - p. 68, 70, 77, 99, 107, 110-111, 116, 119, 127, 137, 146 e 147.

<sup>30</sup> SILVA, António Pereira da - *A questão...*, cit., p. 122.

<sup>31</sup> VELHO, Pe. Manuel (pseudónimo de Fr. Manuel Guilherme) - *Praticas espirituas e doutrinaes tratadas entre uma religioza capucha e reformada com outra freira desejoza de reformar-se e aperfeiçoar-se*. Lisboa, Antonio Pedrozo Galvam, 1732, p. 74.

<sup>32</sup> *VPJMT* - p. 68 e 70.

<sup>33</sup> PRAZERES, Fr. Afonso dos - *Maximas espirituas e directivas para instrucção mystica dos virtuosos e defenza apostolica da virtude*. Lisboa Occidental: Antonio Isidoro da Fonseca, 1740, tomo I, p. 510.

<sup>34</sup> *VPJMT* - p. 86-88, 90, 101-102, 105, 107, 121-122, 136 e 140.

<sup>35</sup> SILVA, António Pereira da - *A questão...*, cit., p. 81.

*protesto de observar sempre, em todos os lances e occasioes que se me oferecerem, aquilo que a juizo do meo padre espiritual parecer mais perfeito. E não he meo propozito fazer voto nem obrigar-me debaixo de peccado mortal, por asim mo aver mandado quem me governa, atendendo a minha grande fragelidade.*”<sup>36</sup>

Aliás, poucas páginas antes, se explica que este “eroico como dificultozo voto de fazer sempre o mais perfeito [...] Emtendesse que a de ser o mais perfeito, a concelho e parecer de prudente varão e director espiritual”<sup>37</sup>. A obediência ao confessor, de resto um tópico das biografias devotas, implica a abnegação da própria vontade. A figura do director espiritual é, pois, absolutamente decisiva neste caminho de perfeição. No caso de que nos ocupamos, Fr. Luís era, simultaneamente, director de consciência e confessor. Como tal, além de juiz, fazia ainda as vezes de médico e pai da alma da sua dirigida<sup>38</sup>, modelo que parece evocar, como já foi observado, um S. Carlos Borromeu<sup>39</sup>. Convirá notar que Fr. Luís de Santa Teresa é ainda mais do que um médico da alma, também do corpo<sup>40</sup>.

A constância – ou suas variantes valentia e paciência – nos reverses de uma existência pejada de tentações demoníacas, doenças e “contradições de criaturas” é também bastante explorada, como, de resto, é tópico no género, atingindo por vezes o cume de virtude cardeal: a fortaleza<sup>41</sup>. Em menor monta, comparecem a oração<sup>42</sup> e por uma única vez o sinal da cruz<sup>43</sup>.

Neste receituário anti-demónio parecem estar enunciados os preceitos essenciais que consubstanciam um ministério espiritual de matriz jacobea. Para um Fr. Francisco da Anunciação ou um Fr. Manuel de Deus, eram

<sup>36</sup> VPJMT - p. 97-98. Itálico nosso.

<sup>37</sup> VPJMT - p. 95. Itálico nosso.

<sup>38</sup> SILVA, António Pereira da - *A questão...*, cit., p. 132.

<sup>39</sup> SOUZA, Evergton Sales - *Jansenismo...*, cit., p. 200.

<sup>40</sup> VPJMT - p. 110 e 117. Sobre práticas medicinais no século XVIII português e a associação da figura do padre à do médico, ver SANTOS, Eugénio dos - O homem português perante a doença no século XVIII: atitudes e receituário. *Revista da Faculdade de Letras/História*. II série, I (1984) 187-201.

<sup>41</sup> VPJMT - p. 68, 71, 85, 92-93, 102-103, 108, 125, 132 e 139.

<sup>42</sup> VPJMT - p. 75, 84, 96, 110 e 119.

<sup>43</sup> VPJMT - p. 139.

decisivas a oração mental quotidiana e a frequência dos sacramentos<sup>44</sup>. Do sacramento da penitência, é a confissão que recebe o maior número de alusões<sup>45</sup>. A assiduidade da confissão poderá inferir-se das inúmeras vezes em que D. Josefa conta os particulares da sua alma a Fr. Luís<sup>46</sup>. Bastaria lembrar que, numa óptica de austeridade espiritual caracteristicamente jacobea, o sacramento da eucaristia exige uma maior disposição, reverência e pureza interior para ser dignamente recebido do que o da confissão<sup>47</sup>. Se D. Josefa comungava frequentemente, é de admitir que também se confessasse amiúde pois, como defende Fr. Manuel de Deus, não há objecção nenhuma à prática da comunhão frequente, desde que os fiéis se confessem sempre antes de comungarem<sup>48</sup>.

Quanto à oração mental, no período de direcção espiritual por parte do carmelita, deparamo-nos com uma meia dúzia de alusões a “oração”, sem todavia se especificar que de mental se tratasse. É evidente que sim. Nada de extraordinário haveria na oração vocal, para além do normal cumprimento de funções comunitárias. Não esqueçamos, outrossim, que a prática da oração mental era o patamar básico indispensável na senda da união da alma com Deus, e que Fr. Luís, jacobea e místico, dominava toda a fenomenologia dos degraus superiores da contemplação.

Terá sido a partir de 1680, com Fr. António das Chagas, que a prática da oração mental se começou claramente a difundir em Portugal, sobressaindo possivelmente, de início, o entusiasmo dos varatojanos. Algumas das principais figuras da jacobea nos anos 20 de Setecentos saíram deste seminário de missionários apostólicos<sup>49</sup>; uma delas foi Fr. Gaspar da Encarnação, cuja ligação a Fr. Luís já foi acima referida. Do apreço em ambiente jacobea pela oração mental ou “conversação amorosa com Deus”<sup>50</sup> – note-se

<sup>44</sup> SILVA, António Pereira da - *A questão...*, cit., p. 125.

<sup>45</sup> A confissão está demonstrada na *Vida à saciedade*; o mesmo não parece acontecer com a contrição e a satisfação. Tal parece ser comum nos textos produzidos por jacobea, ver SOUZA, Evergton Sales - *Jansenisme...*, cit., p. 199.

<sup>46</sup> *VPJMT* - p. 77.

<sup>47</sup> SOUZA, Evergton Sales - *Jansenisme...*, cit., p. 194.

<sup>48</sup> *Idem*.

<sup>49</sup> SOUZA, Evergton Sales - *Jansenisme et Réforme de l'Église dans l'Empire Portugais...*, cit., p. 195.

<sup>50</sup> Diz Fr. Manuel de Deus: “Oração mental he conversar amorosamente com Deos”, ver DEUS, Fr. Manuel de - *O pecador convertido ao caminho da verdade*. Lisboa: Officina

a semelhança com os “amorozos coloqui[o]s” de que fala Fr. Luís de Santa Teresa<sup>51</sup> – poderá servir de exemplo “a oração mental é o meio mais importante para observar os mandamentos da Lei de Deus”<sup>52</sup>. É precisamente a oração mental nas suas formas mais elevadas que origina os lances místicos tão temidos por alguns padres, como veremos.

Para quem aspirava aos altos graus de união com Deus, há uma realidade marcante para a espiritualidade moderna que importa analisar. Referimo-nos a um clima de “acentuada desconfiança e reacção anti-mística” que minava os ambientes devotos<sup>53</sup>. É líquido que a condenação, em 1687, de Miguel de Molinos teve um impacto decisivo na atmosfera monástica. Contudo, antecedentes mais remotos avolumavam estes receios. Referimo-nos às velhas polémicas sobre o quietismo<sup>54</sup>, indissociáveis elas mesmas do próprio entendimento que o mundo católico teve da condenação do mestre aragonês. O alumbradismo – e agora, mais genericamente, o quietismo molinosiano – tinha-se vindo a transformar, assim, em “espectro ameaçador, sempre rondando, a nível ibérico, os ambientes devotos”<sup>55</sup>.

Muito embora o prestígio da mística tivesse sido, entretanto, reposto (em boa medida por acção de S. João da Cruz e de S. Teresa de Ávila), quando, em 1687, se publica em Portugal o edital com as 68 proposições condenadas de Molinos “um novo ‘espectro’, mais palpável, substituía o do sempre difuso e temido alumbradismo.”<sup>56</sup> A condenação de Inocêncio XI colocava uma vez mais a tónica na questão dos falsos místicos, em nome de uma ortodoxia, posicionando-se contra a “concepção e praxe da vida espiritual norteadas pelo objectivo de alcançar a união com Deus, postulando um estado adquirido de passividade, susceptível de anular ou mitigar a

---

Luisiana, 1781, p. 38.

<sup>51</sup> *VPJMT* - p. 159.

<sup>52</sup> DEUS, Fr. Manuel de - *O pecador...*, Lisboa, 1744, p. 41.

<sup>53</sup> Ver TAVARES, Pedro Vilas Boas - *Beatas, Inquisidores e Teólogos. Reacção Portuguesa a Miguel de Molinos*. Porto: Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, 2005, p. 24.

<sup>54</sup> Sobre Literatura quietista e antiquietista, ver VIRGEN DEL CARMEN, Eulogio de la - *Literatura Espiritual del Barroco y de la Ilustración*, in *Historia de la Espiritualidad*. Barcelona: Juan Flors ed., 1969, tomo II, p. 353-381.

<sup>55</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas - *Beatas...*, *cit.*, p. 36.

<sup>56</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas - *Beatas...*, *cit.*, p. 38.

responsabilidade moral individual”<sup>57</sup>. Dois exemplos mais dos receios de diabolização na oração contemplativa:

“experimentava o trabalho de não achar quem a empuzesse em o caminho por que Deos a chamava. Era este ao recolhimento interior e sosegada contemplação. [...] E como os confesores *timiam este caminho por extraordinario, mandavãolhe serenar a meditação, fazendoa gastar munto tempo em licão e discursos*”.<sup>58</sup>

“E para que acabe de conheser que *he Demonio a sua oração*, daqui lhe mando que *não tenha mais couzas extraordinarias nella*; que, se foram de Deos, an de obedecer promptamente, e tudo se lhe a de tirar. Porem, se se lhe não tirão, *he sertamente couza do Demonio*.”<sup>59</sup>

Quando, nos anos 30 do século XVIII, Fr. Luís de Santa Teresa redige esta *Vida*, está ao rubro a secreção de um magma anti-contemplação, já incandescente de longa data<sup>60</sup>. Molinos veio repisar erros e medos nunca esquecidos. Não ignoremos, por outro lado, que a vacatura da Sé e o laxismo que a historiografia atribui ao Cabido de Braga deveriam estimular ainda mais as desconfianças místicas. Evoquemos cronologias marcantes. Condenações por molinosismo<sup>61</sup> (ou a ele associadas) em 1711; grupos de penitenciados molinosistas no infausto ano de 1720<sup>62</sup>. Especial destaque é devido, por razões óbvias, aos casos de religiosas beneditinas associadas a delito molinosista. Nesse aziago ano de 1720, aos 16 de Abril,

<sup>57</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas - *Beatas...*, cit., p. 43.

<sup>58</sup> *VPJMT* - p. 6. Itálico nosso.

<sup>59</sup> *VPJMT* - p. 20 e 21. Itálico nosso.

<sup>60</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas - *Beatas...*, cit., p. 24-43.

<sup>61</sup> Preferimos os termos molinosismo, molinosista ou molinosiano a molinismo e molinista para evitar confusões com o sistema teológico do jesuíta Luís de Molina, apresentado, em 1588, no seu *Concordia liberi arbitrii cum gratiae donis*, no contexto de oposição à refutação luterocalvinista do livre-arbítrio e do pelagianismo, e segundo o qual pretende “poner de acuerdo la libertad humana com la prescencia divina, la providencia y la predestinación, e indirectamente com la gracia”, sublinhando a influência da liberdade nos actos humanos, ver PASTOR, M. Martínez - Molinismo in VAQUERO, Quintín Aldea, MARTINEZ, Tomas Marin e GATELL, José Vives (dir.) - *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*. Madrid: Instituto Enrique Florez; Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1973, vol. III.

<sup>62</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas - *Beatas...*, cit., p. 296-304.

saíram condenadas três monjas do Convento de Jesus e, aos 19 do mesmo, outras tantas do Convento de Santa Eufémia. Em 1721 e 1722, saem condenadas freiras de outras ordens, quer por fingimento de santidade, quer por molinosismo; falsos êxtases e revelações atribuídos a mulheres são condenados ao longo dos anos 20. No país, nos anos 30, volta a grande publicidade de novas faltas por molinosismo<sup>63</sup>. É desta ambiência de medos da contemplação, “iluzões”, processos inquisitoriais, quedas públicas de “embusteiros” ou “endemoninhadas”, escândalos e pânticos que se reveste o excerto seguinte:

“porque o sacerdote sicular dizialhe abertamente que estava *illuza e emganada* e, para a atemorizar mais, *mandavalhe e, outras vezes, lhe vinha elle mesmo ler as listas dos actos de fe e as estorias que andavão de pessoas illuzas* e sobre isto erão taes as reprehensões e o desprezo com que a tratava que a pobre alma esmorecia de susto. [...] *Mandavalhe ter oração com serto conserto e consonancia* e, como a pobre não podia pois *Deos a tinha em hum alto grao de contemplação*, o padre se irritava o lhe reprovava tudo, afirmandolhe abertamente que estava *iluz*. Isto padecia com este padre a serva de Deos. Com o director, ainda padecia mais porque, *andando em couzas tão extraordinarias cheya de medo e desconfianças*, se hia para perguntar alguma couza, não a queria ouvir, ou fosse pela abater e humilhar ou por recear alguma grande illuzão, como *por ser tão calimitozo este seculo, em que tantas desgraças tem socedido deste genero*, fosse pelo que fosse, o padre não a queria ouvir”<sup>64</sup>.

É verdade que na *Vida* não há uma só referência explícita ou metonímica a quietismo, *alumbrados*, Molinos ou molinosismo. Contudo, afirmações como as que destacámos são claramente consequência directa “não apenas das repercussões europeias da condenação romana do aragonês, mas da condenação inquisitorial, entre nós, de subprodutos de vida religiosa que lhe são assimilados, dado o perfil do “quietismo” e do “quietista”, nomeadamente

<sup>63</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas - *Beatas...*, cit., p. 307-313.

<sup>64</sup> *VPJMT* - p. 34-35. Itálico nosso.

no aspecto moral”<sup>65</sup>. Acresce que a obra, transida de receios de “couzas extraordinarias”, espelha-o inúmeras vezes num vocábulo recorrente, *mot de passe* da terminologia inquisitorial: “iluz”. Na verdade, era um dos três termos – para além de “carnais” e “iludentes” – com que tradicionalmente a Inquisição espanhola distinguia os *alumbrados* e o mais frequentemente usado para classificar aqueles que caíam nos erros próprios de uma heresia mística<sup>66</sup>.

No mesmo sentido vão as acusações de “embusteira”/“hipocrita”, “Santa do Demonio”<sup>67</sup> aplicadas a D. Josefa, configurando supostos delitos que estariam nas raízes da heresia de Molinos<sup>68</sup>. De receios quanto à mística também se ressentem passagens do tipo de

“Teve tão bem huma grande conveniencia emtenderse em o convento que a serva de Deos hera *atromentada pelo Demonio* porque, como a avião de ver muntas vezes extatica e sem sentidos, *poderia aver alvoroços, se se atribuce a outra couza. Assim, foram as vexações do Demonio a capa ou veo com que se incubrirão aos olhos do mundo muntas couzas* que foy conveniente assim por se não levantarem mayores tribulacoes a serva de Deos”<sup>69</sup>.

A este propósito, importa notar como Luís de Santa Teresa está em consonância com um Fr. Afonso dos Prazeres, na explanação que este faz da teoria das violências diabólicas, repudiando “enèrgicamente, horrorizado mesmo, a sentença de Miguel de Molinos”<sup>70</sup>. Antes de mais, o autor considera-as “vexações do demónio”, para evitar confusões com a expressão “violências diabólicas”, utilizada por Molinos. Esclarece ainda que “Deus não quer tais acções mas só as permite”<sup>71</sup>. Ora, é precisamente este tipo de formulação e terminologia que encontramos na *Vida*, no que Fr. Luís não duvida ser para lavrar mais ilustre coroa a D. Josefa, bem próximo da

<sup>65</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas - *Beatas...*, cit., p. 129.

<sup>66</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas - *Beatas...*, cit., p. 21.

<sup>67</sup> *VPJMT* - p. 52 e 25.

<sup>68</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas - *Beatas...*, cit., p. 318.

<sup>69</sup> *VPJMT* - p. 67. Itálico nosso.

<sup>70</sup> SILVA, António Pereira da - *A questão...*, cit., p. 141.

<sup>71</sup> SILVA, António Pereira da - *A questão...*, cit., p. 142.

explicação de Prazeres: “purgação, em que Deos quer purificar mais a sua virtude”<sup>72</sup>. Pura ortodoxia mística de Fr. Luís, portanto<sup>73</sup>.

Foi esta conjuntura que colheu a dirigida do futuro bispo de Olinda, retratada como alma tão inclinada aos mais altos voos do espírito, derrapando, todavia, em tantos padres “espantadissos”<sup>74</sup>, os mesmos “espantadiços” de que falava o padre Manuel Bernardes ou um António Arbiol. Discreto enaltecimento da Ordem do Carmo, por via do próprio Santa Teresa.

## Conclusão

*Vida de huma illustre virgem* fala onde outras fontes calam. A obra permite conhecer uma parte da vida de um ilustre antístite português, personalidade quase de todo desconhecida entre nós, e revela a sua ignota face de director de consciência, na também até agora desconhecida estadia em Braga.

O presente artigo não poderia explicar as minudências da permanência de Fr. Luís de Santa Teresa em Braga, juntamente com seu irmão Fr. João da Cruz, certamente peças de uma estratégia régia de acrisolamento da piedade e depuração da religião. Em todo o caso, vem ao de cima a sua sensibilidade jacobea, transparecendo um plano de coerência com o disciplinador Moura Teles. *A Vida* acrescenta um novo testemunho – o de um jacobeu carmelita – ao nosso escasso conhecimento sobre o período da Sé vaga de 1728-1741, em Braga.

Aflorámos aspectos dos contextos da espiritualidade mais significativos nesta biografia: a jacobea e um clima de suspeição e reacção anti-mística generalizados, que tiveram no alumbradismo o antecedente remoto e no

---

<sup>72</sup> PRAZERES, Fr. Afonso dos - *Maximas...*, cit., tomo II, p. 439. Sobre a sua defesa da vida devota e da contemplação, em clima de resistência anti-mística, ver TAVARES, Pedro Vilas Boas - *Papel dos jesuítas...*, cit., p. 499-501.

<sup>73</sup> Nunca em *VPJMT* aparece a expressão “violencias diabolicas”; aparece, sim, “vexações diabolicas”, nas páginas 33 e 111 e “vexações” nas páginas 67, 73, 93, 111-112 etc. A permissão de Deus, de que fala Prazeres, encontramos-la plasmada em inúmeras passagens, por exemplo: “Asim hia Deos suavizando os trabalhos de Sua serva e dando licenca ao Demonio para que lhe lavrasse a mais illustre coroa”, p. 87. Ver igualmente p. 20, 22, 40, 64, 71, 86-88.

<sup>74</sup> *VPJMT* - p. 117 e 120.

quietismo molinosiano o próximo. Defesa da vida devota e da contemplação, surpreendemos o seu semblante jacobeu plasmado nessa obra que não chegou a vir a lume, e adivinhamos um quadro mais geral de oposição à espiritualidade jacobea, na imagem pouco edificante que é traçada daqueles que pugnavam por um ideal de reforma espiritual. Um autor se revela – e se oculta – naquela que é uma vida de uma monja e, simultaneamente, um auto-retrato de Luís de Santa Teresa.